

Sábado	Periodicidade: Semanal
22-10-2020	Classe: Informação Geral
	Âmbito: Nacional
	Página(s): 1,44,45,46,47

**REPORTAGEM INFETADOS COM COVID APANHADOS
NA ESPLANADA, ÀS COMPRAS E A ATENDER CLIENTES**

Sábado

22-10-2020

Periodicidade: **Semanal**Classe: **Informação Geral**Âmbito: **Nacional**Pagina(s): **1,44,45,46,47**

COVID-19. HÁ QUEM VIOLE O DEVER DE ISOLAMENTO SOCIAL

OS CASOS MAIS BIZARROS

Fazem o teste e seguem com a sua vida normal. São apanhados na esplanada do café, às compras

Se não atenderem o telefone é legítimo da nossa parte presumirmos que poderão ter tido um problema de saúde, que não estão conscientes, e avisamos automaticamente a polícia para ir ver como é que a pessoa está.” Com o tempo, o médico Luís Cadinha e os seus colegas aprenderam a evitar que as pessoas que estão infetadas com Covid-19 não lhes atendam o telefone. É uma obrigação legal ficarem em casa – para onde os médicos de família ligam todos os dias –, mas muitos não respeitam a ordem, e quando não atendem é um indício forte de que estão na rua. Assim, deixa logo o aviso no início: “Depois de explicarmos isto às pessoas elas passam logo a atender o telefone.”

Ainda assim, o que não falta a este médico do Algarve são histórias de pessoas que não atendem o telefone ou que, quando atendem, estão longe de casa (ou a pensar seriamente nisso). “Percebo logo pelo ruído [de fundo]. No início ainda ficávamos surpreendidos, agora já não.”

Eis um caso. Um agregado familiar de três pessoas: mãe e dois filhos, tendo um destes (a filha de 21 anos) testado positivo. O objetivo dos médicos era acompanhar a infetada e convencer os familiares a serem testados. “No primeiro contacto a mãe monitorizou e controlou a chamada. Quando a rapariga ia a dizer os dados do irmão a chamada misteriosamente caiu. Depois tornou-se difícil falar com a positiva em contactos posteriores.”

▶ Há médicos que ligam para informar pessoas que estão positivas e ouvem em fundo barulho de supermercado

App

Dois milhões já descarregaram a StayAway Covid, mas continua a polémica sobre a sua eficácia. O Governo quis torná-la obrigatória, mas recuou

“A POLÍCIA LIGOU A PERGUNTAR ONDE É QUE ELA ESTAVA. DISSE QUE EM CASA. NÃO ESTÁ. ESTAMOS À PORTA...”



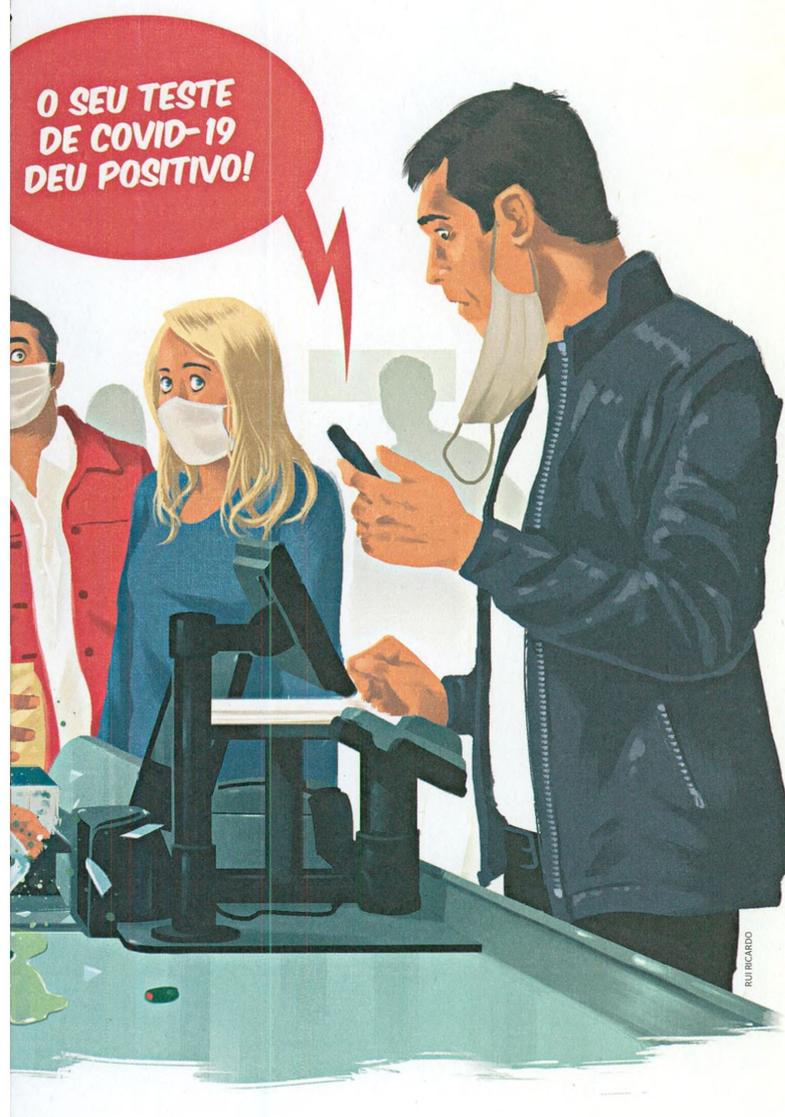
Sábado

22-10-2020

Periodicidade: **Semanal**Classe: **Informação Geral**Âmbito: **Nacional**Pagina(s): **1,44,45,46,47**

ROS DE INFETADOS

no supermercado ou a trabalhar em balcões de atendimento ao público. Por **Marco Alves**



Os médicos acabaram por descobrir que esta mãe, de 43 anos, não só recusou fazer o teste ("Não a podemos obrigar e ela dizia sempre que não tinha sintomas.") como continuou a ir trabalhar "no balcão de atendimento de uma pastelaria de um grande supermercado". "Informámos o patrão, isto deu azo a o presidente da câmara falar diretamente com ela, e só aí começou a obedecer", diz. Resultado: positivo. "Acho que mais tarde foi despedida, por causa da irresponsabilidade."

Lúis Cadinha conta que no dia em que foi informada do resultado do teste, a mulher não foi para casa: "50 minutos depois recebi uma chamada da Proteção Civil a dizer que tinham observado a senhora na esplanada de um café a falar com uma amiga. Avisámos a PSP, mas quando chegaram ela já lá não estava."

Apanhada com o filho bebé

Outra história bizarra, esta passada num supermercado. Uma médica de família estava às compras no supermercado e viu que estava na caixa a pagar uma das suas utentes. "Com ela estava o filho pequeno, em idade de creche ainda, que estava positivo." A mãe terá feito de conta que não viu a médica, e abandonou rapidamente o local. No dia seguinte, a utente foi chamada à atenção por telefone.

Na página de Facebook Pérolas da Urgência (que é alimentada por um médico do Serviço Nacional de Saúde que usa o pseudónimo

◻ “Dr. Pérolas” e tem já 115 mil seguidores, além dos 45 mil no Instagram), o mesmo tipo de situação já tinha sido denunciado: “Já perdi a conta ao número de vezes que telefono a alguém para comunicar um resultado positivo e consigo ouvir perfeitamente os apitos das caixas do supermercado em *background*. Depois anda tudo num corrupio a tentar localizar os infelizes com quem a criatura se cruzou nos últimos dias. Tudo porque, desde o início do ano, se tornou insuportável aguentar 24 a 48 horas em casa.”

“Nem sempre é fácil atenderem o telefone”, diz à **SÁBADO** Rui Nogueira. O presidente da Associação de Médicos de Medicina Geral e Familiar diz que “cerca de 20%” dos contactos que faz para comunicar um resultado positivo, as pessoas não atendem o telefone. Porque não estão em casa? O clínico diz que se pode especular sobre isso, não tem certezas. Mesmo quando atendem, as chamadas são quase sempre para telemóveis, não tem meio de saber se estão em isolamento. “Quero crer que não é frequente andarem na rua.” Quando atendem, diz, as reações são normais e calmas. “Se fizeram o teste é porque suspeitavam, ou seja, não é uma surpresa.”

As patrulhas-surpresa

Com regularidade, alguns casos têm aparecido na imprensa. Este mês, por exemplo, dois homens de Celorico de Basto tiveram um acidente de carro e fugiram. Quando foram apanhados descobriu-se que estavam infetados. Uma fonte do posto da GNR de Celorico diz à **SÁBADO** que bastou colocar os nomes no sistema informático.

Todos os dias a PSP e a GNR recebem uma lista dos novos infetados na sua área de atuação para as patrulhas fiscalizarem (quase sempre visitas-surpresa ao domicílio). Num outro posto da GNR, na Póvoa de Varzim, disseram-nos que os guardas têm de ver a pessoa que está em isolamento: “Ou ela vem à janela ou os polícias sobem ao prédio.”

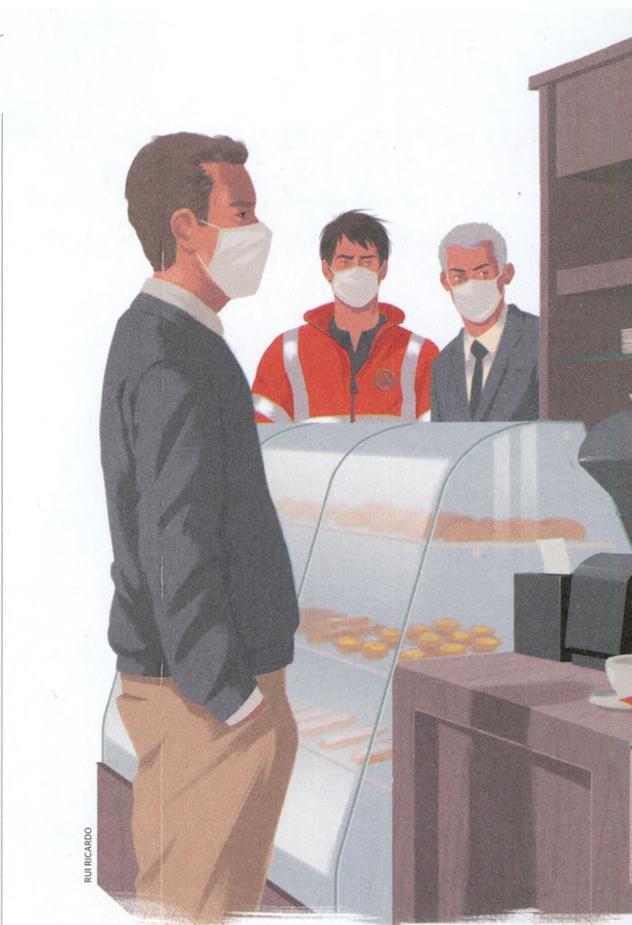
Casos de polícia

Em abril, um homem infetado vendia pão em Matosinhos. Em junho, na Azambuja, foram detetados na rua vários positivos

Cura da Covid

Em agosto, um homem foi detido em Mirandela por anunciar numa feira que tinha (e estava a vender) um líquido milagroso

“CONSIGO OUVIR PERFEITAMENTE OS APITOS DAS CAIXAS DO SUPERMERCADO EM BACK-GROUND”



Também este mês, a GNR anunciou que foi à casa de um infetado e não o encontrou presente. Vai ser presente a tribunal, tal como a mulher que poucos dias foi apanhada pela GNR num autocarro no concelho de Loures.

Jorge Roque da Cunha, do Sindicato dos Médicos, diz à **SÁBADO** que não lhe aconteceram casos destes. Prefere antes realçar que as autoridades policiais devem ter mais “músculo” na fiscalização dos doentes que devem estar em casa. “Dou-lhe um exemplo de uma amiga da minha irmã que está no Reino Unido e que teve de cumprir uma quarentena quando chegou ao país. Ao terceiro dia a polícia ligou-lhe a perguntar onde

é que ela estava. Ela disse que estava em casa. ‘Não está não, porque nós estamos aqui à porta.’ Resultado: teve de pagar uma multa.”

Em Portugal não faltam os casos de infração à lei, a ver pelos números do Ministério da Administração Interna apenas para setembro e outubro (ver caixa). O médico Luís Cadinha diz que há um padrão nos infratores: “Já apanhei pessoas que estavam a trabalhar. Fizeram o teste, mas precisam mesmo de trabalhar. Ou são pessoas com profissão liberal ou pessoas de condição socioeconómica muito baixa. Ou então não percebem bem as instruções que são dadas quando vão testar, isto acontece sobretudo em grupos

Sábado

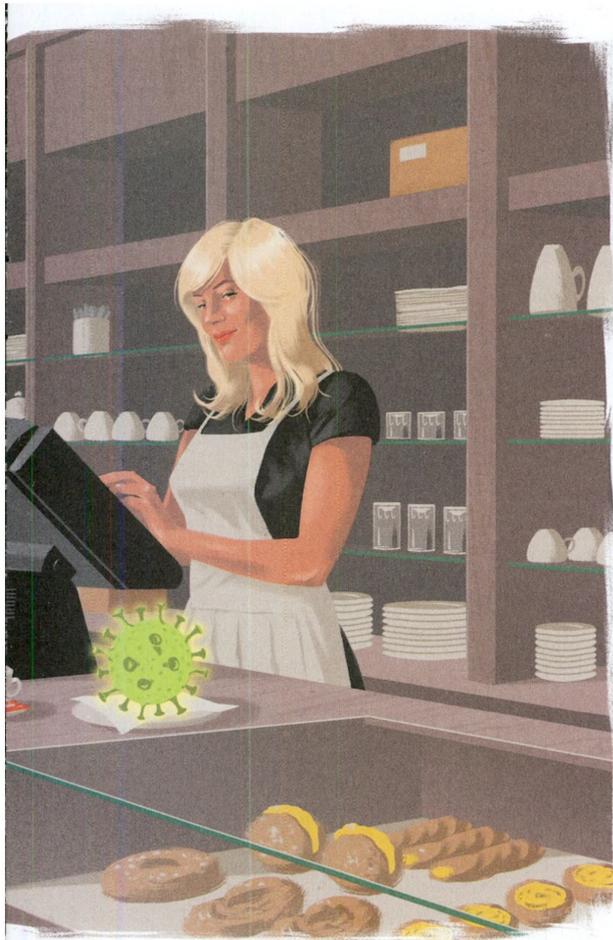
22-10-2020

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,44,45,46,47**



minoritários, como brasileiros, ou cabo-verdianos, em que a transmissão da necessidade de ficarem isolados não passa bem.”

O avô irresponsável (e sortudo)

E depois existem os casos dos que sabem bem que não podem fazer o que pretendem fazer: “Tenho situações de pessoas que arranjam todos os pretextos para pôr um pezinho fora de casa, seja porque têm de passear o cão, ou porque têm uma necessidade muito urgente de todos os dias ir pôr o lixo à rua, ou que precisam de levar as crianças ao parque por um bocadinho porque já é impossível segurá-las em casa, porque não paravam quietas e precisavam de soltar

energia... Perguntam-nos se podem, e insistem várias vezes. Já tive uma pessoa que geria um Airbnb que saiu para fazer algo relacionado com isso. Quando ligámos não estava em casa. ‘Mas, ó doutor, eu vou ter de ficar isolada, isolada, este tempo todo? Mas preciso de ir receber o dinheiro do Airbnb.’ Veja lá, se a apanhar fora de casa são 800 euros de multa, se achar que compensa...”

Veja-se ainda o caso do homem de idade avançada que morava com nove pessoas, uma delas testou positivo. “Mesmo assim, todos os dias saía à noite para ir ao café e regressava às tantas da noite. Só parou de o fazer quando o dinheiro acabou. Recusou-se a

◀ No Algarve, uma mulher tinha a filha infetada, mas foi trabalhar. Recusou-se a fazer o teste e estava infetada também

Os números policiais

Dados da PSP e da GNR de 1 de setembro a 14 outubro

Autos

909 ocorrências (média 21/dia)

Detenções

37 desobedeceram a ordens

Sem máscara

192 apanhadas em transportes públicos ou espaços fechados

Álcool

414 estavam a beber na rua

Estabelecimentos

77 foram fechados ou suspensos por violarem regras (lotação, horário e distanciamento físico)

Testes

Além dos casos suspeitos, há quem os faça porque vai viajar ou porque é profissional de saúde (rastreio). E há quem faça apenas por curiosidade

ser testado e nós não podemos obrigar...” O homem terá tido sorte. “Não teve sintomas, e se tivesse ficado positivo ia notar-se atendendo aos problemas de saúde que tinha.”

José Luís Fernandes, médico de família em Gaia, diz que a sua equipa de seis médicos tem a cargo 90 doentes com Covid-19, pelo menos à data em que falou com a SÁBADO (dia 16). “Seis médicos a fazer 90 telefonemas por dia implica 18 horas de trabalho, a uma média de 12 minutos por cada chamada. Há telefonemas para doentes que demoram 30 a 40 minutos, outros são mais rápidos porque está tudo bem. E cada um de nós ainda vai uma semana por mês fazer um turno de seis horas nos centros de atendimento dedicados à Covid. E ainda fazemos atendimento a uma linha dedicada a doentes com esta suspeita.”

A somar a isso existem ainda os utentes normais. “Um médico de família tem 1.900 doentes atribuídos e já não conseguia fazer o seu trabalho de forma condigna. É um número impraticável, é impossível fazer uma boa atividade. Isto não vai dar para tudo.” ◻

“TINHAM OBSERVADO A SENHORA [QUE ESTAVA INFETADA] NA ESPLANADA DE UM CAFÉ A FALAR COM UMA AMIGA”